

MAIS DE 75 SEMANAS NO TOP 100 DA AMAZON

ROBIN DIANGELO

**NÃO BASTA**

**NAO SER**

**RACISTA**

**SEJAMOS  
ANTIRRACISTAS**

**ROBIN DIANGELO**

**NÃO BASTA**

**NAO SER**

**RACISTA**

**SEJAMOS  
ANTIRRACISTAS**

Tradução

MARCOS MARCIONILO



**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020**

**WHITE FRAGILITY: WHY IT'S SO HARD FOR WHITE PEOPLE TO TALK ABOUT RACISM**

**© 2018 BY ROBIN DIANGELO**

**PUBLICADO POR BEACON PRESS SOB OS AUSPÍCIOS DA UNITARIAN UNIVERSALIST ASSOCIATION OF CONGREGATIONS.**

**ALL RIGHTS RESERVED**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Partes deste livro foram adaptadas de Robin DiAngelo, *The Good Men Project* (<https://goodmenproject.com>): “White Fragility and the Question of Trust”, 3 out. 2016; “White Women’s Tears and the Men Who Love Them”, 19 set. 2015; “White Fragility and The Rules of Engagement”, 13 jun. 2015; de Robin DiAngelo, *What Does It Mean to Be White? Developing White Racial Literacy* (Nova York: Peter Lang, 2016); de Robin DiAngelo, “White Fragility”, *International Journal of Critical Pedagogy* 3, nº 2 (2011): 54-70.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **MONIQUE D’ORAZIO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Diangelo, Robin J.

Não basta não ser racista : sejamos antirracistas /  
Robin Diangelo ; tradução de Marcos Marcionilo. — São  
Paulo : Faro Editorial, 2018.

192 p.

ISBN 978-85-9581-106-5

Título original: White Fragility

I. Racismo 2. Brancos 3. Relações raciais I. Título  
II. Marcionilo, Marcos

20-1046

CDD 305.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo 305.8



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA **11**

PREFÁCIO, POR MICHAEL ERIC DYSON **13**

NOTA DA AUTORA **17**

INTRODUÇÃO: NÃO CHEGAREMOS LÁ INDO POR AQUI **23**

1 OS DESAFIOS DE FALAR AOS BRANCOS SOBRE RACISMO **29**

2 RACISMO E SUPREMACIA BRANCA **38**

3 O RACISMO PÓS-MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS **64**

4 COMO A RAÇA CONFIGURA A VIDA DOS BRANCOS? **76**

5 O BINÁRIO BOM/MAU **96**

6 ANTINEGRITUDE **114**

7 GATILHOS RACIAIS PARA BRANCOS **125**

8 O RESULTADO: A FRAGILIDADE BRANCA **133**

9 A FRAGILIDADE BRANCA EM AÇÃO **141**

10 A FRAGILIDADE BRANCA E AS REGRAS DE ENGAJAMENTO **150**

11 LÁGRIMAS DE MULHERES BRANCAS **157**

12 PARA ONDE AGORA, A PARTIR DAQUI? **165**

RECURSOS PARA UMA EDUCAÇÃO CONTINUADA **181**

AGRADECIMENTOS **184**

NOTAS **185**

## CAPÍTULO 1

# OS DESAFIOS DE FALAR AOS BRANCOS SOBRE RACISMO

### NÃO NOS VEMOS EM TERMOS RACIAIS

Sou norte-americana, branca, criada nos Estados Unidos. Tenho um quadro de referência e uma visão de mundo brancos e me movo no mundo segundo uma experiência branca. Minha experiência não é uma experiência humana universal. É uma experiência particularmente branca em uma sociedade na qual a raça é profundamente determinante; uma sociedade profundamente dividida e desigual pelo critério racial. Mesmo assim, como a maioria das pessoas brancas, não aprendi a me ver em termos raciais, assim como não aprendi a chamar a atenção sobre minha raça ou a me comportar como se isso tivesse alguma relevância. Obviamente, desenvolvi a consciência de que a raça de *alguém* tinha importância, e se fosse para discutir raça, seria a deles, não a minha. Mesmo assim, um componente fundamental da construção da habilidade inter-racial é enfrentar o desconforto de ser vistos racialmente, de ter de agir como se nossa raça importasse (e importa!). Ser visto racialmente é um disparador comum da fragilidade branca. Logo, para construir nossa resistência racial, enquanto pessoas brancas, precisamos encarar o primeiro desafio: dar nome à nossa raça.

## CAPÍTULO 2

# RACISMO E SUPREMACIA BRANCA

**MUITOS DE NÓS FOMOS ENSINADOS A ACREDITAR NA EXISTÊNCIA** de diferenças biológicas e genéticas entre as raças. Essa biologia responde por diferenças visuais tais como cor da pele, textura capilar, formato do olho e características que achamos poder ver, como sexualidade, habilidades atléticas ou competências matemáticas. A ideia de raça como um construto biológico facilita acreditar que a maioria das divisões que vemos na sociedade é natural. Todavia, a raça, assim como o gênero, é socialmente construída. As diferenças que detectamos com nossos olhos — textura capilar e cor dos olhos — são superficiais e emergiram como adaptações geográficas.<sup>1</sup> Por baixo da pele, não existe raça biológica de verdade. As características externas que usamos para definir raça são indicadores inconfiáveis da variação genética entre duas pessoas quaisquer.<sup>2</sup>

Contudo, a crença de que a raça e as diferenças a ela associadas são biológicas está muito profundamente arraigada. Para questionar a crença na raça como determinação biológica, temos de entender os investimentos socioeconômicos que levaram a ciência a organizar a sociedade e seus recursos paralelamente às linhas raciais e por que essa organização é tão duradoura.

## A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA RAÇA

Liberdade e igualdade — independentemente de religião ou classe social — eram ideias radicalmente novas quando os Estados Unidos se formaram. Ao mesmo tempo, a economia americana se baseava no sequestro e escravização dos africanos, no deslocamento e genocídio dos povos indígenas e na anexação de terras mexicanas. Além disso, os colonizadores que não eram imunes a seu próprio condicionamento cultural, trouxeram consigo padrões de domínio e submissão profundamente internalizados.<sup>3</sup>

A tensão entre a nobre ideologia da liberdade e a realidade cruel do genocídio, da escravização e da colonização precisava ser resolvida. Thomas Jefferson (ele mesmo possuidor de centenas de escravos) e outros se voltaram para a ciência. Jefferson sugeriu haver diferenças naturais entre as raças e pediu aos cientistas que as descobrissem.<sup>4</sup> Se a ciência conseguisse provar que os negros eram natural e inerentemente inferiores (ele via os povos indígenas como culturalmente deficientes — uma deficiência que deveria ser solucionada), deixaria de haver contradição entre nossos ideais professados e nossas práticas reais. Havia, naturalmente, ambiciosos interesses econômicos na justificativa da escravização e da colonização. A ciência racial foi impulsionada por tais interesses socioeconômicos, que vieram a estabelecer as normas culturais e a regulação legal que legitimavam o racismo e o *status* privilegiado dos que eram definidos como brancos.

Inspirando-se na obra anterior dos europeus, os cientistas americanos começaram a pesquisar a resposta para a pretensa inferioridade dos grupos não anglos. Para exemplificar o poder de nossas perguntas na formatação do conhecimento que validamos, esses cientistas não perguntavam: “Os negros (e os demais) são inferiores?”. Eles perguntavam: “Por que os negros (e os demais) são inferiores?”. Em menos de um século, a sugestão de Jefferson da diferença racial tornou-se comumente aceita como “fato” científico.<sup>5</sup>

A ideia da inferioridade racial foi criada para justificar o tratamento desigual; a crença na inferioridade racial não foi o que desencadeou a desigualdade de tratamento. Nem o medo da diferença. Como diz

Ta-Nehisi Coates: “A raça é filha do racismo, não o pai dele”.<sup>6</sup> Ele está dizendo que, primeiro, nós exploramos as pessoas para tomar seus recursos, não por causa de sua aparência. A exploração veio primeiro, seguida da ideologia da desigualdade entre raças para justificar a exploração que se instalava. Em termos semelhantes, o historiador Ibram Kendi, em sua obra *Stamped from Beginning* [“Rotulado desde o início”], ganhadora do National Book Award, explica: “Os beneficiários da escravidão, da segregação e do encarceramento em massa produziram as ideias racistas de que os negros são os mais adequados para os encarceramentos da escravidão, da segregação, ou das cadeias, os que mais os merecem. Os consumidores dessas ideias racistas foram levados a crer que há algo de errado com os negros, não com as políticas que escravizaram, oprimiram e encarceraram tantos negros”.<sup>7</sup> Kendi chega ao ponto de discutir que, se realmente acreditamos que todos os seres humanos são iguais, então a disparidade de condições só pode ser resultado da discriminação sistêmica.

## A PERCEPÇÃO DE RAÇA

Raça é uma ideia social em evolução, criada para legitimar a desigualdade racial e proteger os privilégios dos brancos. O termo “branco” apareceu pela primeira vez na lei colonial de final dos anos 1600. Por volta de 1790, as pessoas eram solicitadas a declarar sua raça no recenseamento e, em torno de 1825, os graus sanguíneos identificados determinavam quem poderia ser classificado como indígena. A partir de finais dos anos 1800 até o princípio do século XX, na medida em que ondas de imigrantes entravam nos Estados Unidos, o conceito de raça branca estava solidificado.<sup>8</sup>

Quando a escravidão foi abolida nos Estados Unidos em 1865, a branquitude continuou sendo extremamente importante para a exclusão racista legal, e a violência contra os negros foi mantida sob novas formas. Para ganhar a cidadania — e os direitos de cidadão decorrentes —, você tinha de ser legalmente classificado como branco. As pessoas portadoras de classificações raciais não brancas faziam petições à



justiça para serem reclassificadas. A partir de então, os tribunais estavam em condição de decidir quem era branco e quem não era. Por exemplo: armênios ganharam a causa para serem reclassificados como brancos com o auxílio de uma testemunha científica que atestou serem eles cientificamente “caucasianos”. Em 1922, a Suprema Corte decidiu que os japoneses não podiam ser legalmente brancos por serem cientificamente classificados como “mongólicos”. Um ano depois, o tribunal estabeleceu que os indianos não eram legalmente brancos, mesmo que também fossem cientificamente classificados como “caucasianos”. Para justificar essas regulamentações contraditórias, o tribunal decidiu que ser branco se baseava no entendimento comum do homem branco. Em outras palavras, as pessoas já vistas como brancas passariam a decidir quem era branco.<sup>9</sup>

A metáfora dos Estados Unidos como um grande caldeirão, no qual imigrantes de todo o mundo se juntam e se misturam em uma sociedade unificada pelo processo de assimilação, é uma ideia valorizada. Tão logo os novos imigrantes aprendem inglês e se adaptam à cultura e aos costumes americanos, se tornam cidadãos americanos. Na verdade, apenas imigrantes europeus recebiam permissão para se misturar, ou se assimilar, à cultura dominante dos séculos XIX e XX, porque, fosse qual fosse a sua identidade étnica, esses imigrantes eram vistos como brancos, podendo, portanto, se integrar.

Raça é uma construção social. Logo, quem é incluído na categoria dos brancos muda com o decorrer do tempo. Como aquele ítalo-americano de meu seminário percebeu, grupos étnicos europeus tais como irlandeses, italianos e poloneses eram excluídos no passado. Todavia, embora possam ter sido originalmente divididos em consequência de sua origem, os imigrantes europeus se tornaram racialmente integrados por meio da assimilação.<sup>10</sup> Esse processo de assimilação — falar inglês, consumir alimentos “americanos”, descartar costumes que os segregassem — reificava a percepção de os americanos serem os brancos. A identificação racial desempenha, numa sociedade mais ampla, um papel fundamental no desenvolvimento da identidade, no modo como vemos a nós mesmos.

## CAPÍTULO 3

# O RACISMO PÓS-MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS

*“As crianças hoje são tão abertas. Quando os velhos morrerem, estaremos finalmente livres do racismo.”*

*“Cresci em uma pequena comunidade rural, então eu estava protegido. Não aprendi nada de racismo.”*

*“Julgo as pessoas por aquilo que fazem, não pelo que são.”*

*“Não vejo cor; vejo pessoas.”*

*“Somos todos vermelhos por baixo da pele.”*

*“Eu marchei nos anos 1960.”*

### **NOVO RACISMO É A EXPRESSÃO CUNHADA PELO PROFESSOR**

de cinema Martin Barker para classificar as formas como o racismo foi se adaptando no decorrer do tempo, de modo que as normas modernas, as políticas e as práticas resultem em efeitos raciais iguais aos do passado, embora não aparentando serem explicitamente racistas.<sup>1</sup> O sociólogo Eduardo Bonilla-Silva captura essa dinâmica no título *Racists Without Racists: Color-Blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in America* [“Racistas sem racistas: racismo daltônico e a persistência da desigualdade racial nos Estados Unidos”].<sup>2</sup> Ele diz que, embora quase

ninguém mais declare ser racista, o racismo ainda existe. Como isso é possível? O racismo ainda pode existir pelo fato de ele ser altamente adaptável. Por conta de sua adaptabilidade, precisamos ser capazes de identificar como ele muda no tempo. Por exemplo, depois de uma marcha nacionalista branca e do assassinato de um contramanifestante, o presidente dos Estados Unidos disse haver “pessoas de bem em ambos os lados”. Há alguns poucos anos, esse comentário da parte de um servidor público de altíssimo escalão seria impensável. Mesmo que perguntássemos ao presidente se ele era racista, estou segura de que ele responderia com um alto e sonoro não (de fato, há pouco tempo, ele afirmou ser a pessoa “menos racista” que alguém pudesse conhecer no mundo). Neste capítulo, resenharei vários modos de adaptação do racismo no decorrer do tempo para continuar a produzir disparidade racial, ao mesmo tempo que isenta quase todos os brancos de qualquer envolvimento ou vantagem extraída do racismo.

Todos os sistemas de opressão são adaptativos; eles podem resistir e se ajustar aos desafios e, ainda assim, manter a desigualdade. Pense, por exemplo, no reconhecimento federal do casamento entre pessoas de mesmo sexo e as mudanças estruturais para pessoas com deficiências. Embora os sistemas globais de heterossexismo e capacitismo ainda tenham vigência, eles se adaptaram em certa medida. Tais adaptações são exibidas como garantia, para aqueles que lutaram longa e duramente por uma mudança específica, de que a igualdade foi finalmente alcançada. Esses marcos — como o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo, a aprovação da Lei dos Americanos Portadores de Deficiência (American With Disabilities Act, ADA, na sigla em inglês), Título 9, a eleição de Barack Obama — são, evidentemente, significativos e merecem ser celebrados. Contudo, os sistemas de opressão estão profundamente enraizados e não são superáveis pela mera aprovação de alguma lei. Os avanços também são tênues, como podemos comprovar nos recentes desafios aos direitos das pessoas LGBTQI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer* ou questionadores e intersexo). Os sistemas de opressão não são completamente inflexíveis, mas são muito menos flexíveis do que a ideologia popular poderia reconhecer, e o impacto coletivo da desigual distribuição de recursos segue atuante através da história.

## CAPÍTULO 4

# COMO A RAÇA CONFIGURA A VIDA DOS BRANCOS?

*Pessoas brancas: Não quero que me entendam melhor; quero que se entendam a si mesmos. Sua sobrevivência nunca dependeu de seu conhecimento da cultura branca. Na verdade, o que se requer é sua ignorância.*

— IJEOMA OLUO

**PARA PODER ENTENDER POR QUE OS BRANCOS TÊM TANTA** dificuldade em conversar sobre raça, precisamos entender o fundamento implícito da fragilidade branca: como ser branco configura nossas perspectivas, experiências e respostas. Cada aspecto do ser branco discutido neste capítulo é compartilhado por quase todos os brancos no contexto ocidental, em geral, e no contexto norte-americano, em particular. Ao mesmo tempo, pessoa alguma de cor pode afirmar a mesma coisa nesse contexto.

## **PERTENCIMENTO**

Nasci numa cultura à qual pertenci racialmente. Sem a menor dúvida, as forças do racismo já estavam me moldando antes mesmo de eu dar meu primeiro respiro. Se eu nascesse em um hospital, independentemente da década, qualquer hospital estaria aberto para mim por meus pais serem

brancos. Se meus pais procurassem um curso pré-parto, o instrutor seria muito possivelmente branco, os vídeos a que eles assistiriam durante as aulas certamente retratariam pessoas brancas, e seus colegas de curso, com os quais construiriam conexões e vida comunitária, teriam grande chance de serem brancos. Quando meus pais lessem seus manuais de parto e outros materiais escritos, as fotos provavelmente seriam de mães e pais, médicos e enfermeiros brancos. Se eles fizessem aulas de cuidados parentais, as teorias e modelos de desenvolvimento infantil estariam baseados na identidade racial branca. Médicos e enfermeiros assistindo meu nascimento provavelmente seriam brancos. Apesar de meus pais poderem estar ansiosos em relação ao processo de nascimento, eles não teriam de se preocupar, por conta de sua raça, com a maneira pela qual seriam tratados pelos funcionários do hospital. Os anos de pesquisa demonstrando a discriminação racial na assistência médica me asseguram de que meus pais certamente foram bem tratados pelo pessoal do hospital e receberam uma alta dose de cuidado, que não receberiam se fossem pessoas de cor<sup>1</sup>.

Por outro lado, as pessoas que limpavam o quarto de minha mãe no hospital, lavavam, cozinhavam e limpavam a lanchonete e mantinham as instalações seriam principalmente pessoas de cor. O próprio contexto no qual entrei no mundo era hierarquicamente organizado por raça. Com base nessa hierarquia, podíamos prever se eu sobreviveria ao meu nascimento a partir de minha raça.

Na medida em que me movo em minha vida cotidiana, minha raça mal se nota. Sinto pertencimento quando ligo a TV, leio os romances mais vendidos e assisto a filmes de grande sucesso. Sinto pertencimento quando passeio pelos corredores do supermercado ou passo de carro pelos *outdoors*. Sinto pertencimento quando vejo o número esmagador de pessoas brancas na lista das “Mais Belas”. Posso me sentir inadequada à luz de minha idade ou peso, mas tenho pertencimento racial. Por exemplo, em 2017, a cantora Rihanna apresentou uma linha de produtos de maquiagem para mulheres de todos os tons de pele. A gratidão das mulheres de cor desabrochou. Muitos de seus tuítes incluíam a interjeição “Finalmente!”<sup>2</sup> O tipo de tuíte que eu nunca precisei postar.

Sinto pertencimento quando olho para meus professores, orientadores educacionais, colegas de classe. Sinto pertencimento quando

aprendo a história de meu país durante o ano e quando vejo seus heróis e heroínas — George Washington, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln, Robert E. Lee, Amelia Earhart, Susan B. Anthony, John Glenn, Sally Ride e Louisa May Alcott.<sup>3</sup> Sinto pertencimento quando folheio meus livros escolares e as fotos nas paredes de minha sala de aula. Sinto pertencimento quando converso com os professores de meus filhos, quando falo com seus monitores de acampamento, quando os levo a consultas com seus médicos e dentistas. Por mais que eu tenha de explicar a razão de todas essas representações serem majoritariamente brancas, elas ainda configurarão minha identidade e visão de mundo.

Praticamente em toda situação ou contexto aparentemente normais, neutros ou prestigiosos na sociedade, tenho pertencimento racial. Esse pertencimento é um sentimento profundo e onipresente que sempre me acompanhou. O pertencimento foi profundamente implantado em minha consciência; ele molda meus pensamentos e interesses cotidianos, aquilo por que me empenho na vida e o que espero encontrar. A experiência de pertencimento é tão natural que nem preciso pensar nela. Os raros momentos em que não tenho pertencimento racial surgem como uma surpresa — surpresa que posso desfrutar por sua novidade ou facilmente evitar se a considerar perturbadora.

Por exemplo, fui convidada para uma festa de aposentadoria de um amigo. A festa era um piquenique num parque público, para o qual cada um levava um prato. Quando fui descendo o declive que levava à área de piqueniques, vi que havia duas festas acontecendo, uma ao lado da outra. Uma reunião era primariamente composta por brancos e a outra parecia toda de negros. Senti uma espécie de desequilíbrio enquanto me aproximava, tendo de descobrir qual delas era a de meu amigo. Tive um leve sentimento de ansiedade ao pensar que talvez tivesse de entrar no grupo de negros, depois um leve alívio quanto entendi que meu amigo estava no outro grupo. Esse alívio se amplificou quando pensei que eu poderia ter me dirigido equivocadamente à festa negra! Todos esses pensamentos e sentimentos se deram em pouquíssimos segundos, mas foram um raro momento de autoconsciência racial. A simples possibilidade de ter a experiência de não pertencimento racial foi suficiente para despertar o desconforto racial.

## CAPÍTULO 5

# O BINÁRIO BOM/MAU

*Ele não é racista. Na verdade, ele é uma pessoa muito boa.*

**ESTE CAPÍTULO EXPLORA AQUELA QUE TALVEZ SEJA A MAIS** efetiva adaptação do racismo na história recente: o binário bom/mau.<sup>1</sup> Antes do movimento pelos direitos civis, era socialmente aceitável as pessoas brancas proclamarem abertamente sua crença na própria superioridade racial. Contudo, quando viram a violência que os negros — incluindo mulheres e crianças — enfrentavam durante os protestos pelos direitos civis, os brancos do norte ficaram aterrorizados. Tais imagens se tornaram os arquétipos dos racistas. No pós-movimento pelos direitos civis, ser uma pessoa boa, de moral elevada e ser cúmplice do racismo tornaram-se atitudes mutuamente excludentes. Você não pode ser uma boa pessoa e pactuar com o racismo; só pessoas más eram racistas. (As imagens da perseguição aos negros no sul do país durante o movimento pelos direitos civis nos anos 1960 também permitiram aos brancos do norte classificar os sulistas sempre como os racistas.)

Para realizar essa adaptação, o racismo teve de ser, primeiro, reduzido a atos de preconceito simples, isolados e extremos. Esses atos tinham de ser intencionais, maliciosos e baseados em aversão consciente provocada pela raça. Racistas eram os brancos do sul, sorridentes e fazendo piqueniques ao pé de árvores utilizadas para linchamento; os

comerciantes que postavam placas de “Só para brancos” em bebedouros públicos; e bons moços sulistas espancando crianças inocentes, como Emmett Till\*, até a morte. Em outras palavras, os racistas eram brancos sulistas maus, ignorantes, ultrapassados, mal-educados. Cidadãos de bem, pessoas bem-intencionadas, classe média de mente aberta, pessoas criadas no “Norte esclarecido” não podiam ser racistas.

**RACISTAS = MAUS**

Ignorantes  
Intolerantes  
Preconceituosos  
Mesquinhos  
Ultrapassados  
Sulistas

**NÃO RACISTAS = BONS**

Progressistas  
Instruídos  
Abertos  
Bem-intencionados  
Modernos  
Nortistas

Embora transformar o racismo em algo mau possa parecer uma mudança positiva, precisamos ver como isso funciona na prática. Dentro desse paradigma, sugerir que sou racista é provocar um profundo golpe moral — uma espécie de assassinato do caráter. Se eu me tornar alvo desse golpe, tenho a obrigação de defender meu caráter, e é nisso que se esgotará toda a minha energia — escapar desse peso, em vez de refletir sobre meu comportamento. Dessa forma, o binário bom/mau torna quase impossível falar com pessoas brancas sobre racismo, ou seja, sobre como ele molda a todos nós e sobre os modos inescapáveis com que somos condicionados a participar dele. Se não podemos discutir essas dinâmicas ou nos ver em seu interior, não podemos parar de participar do racismo. O binário bom/mau tornou verdadeiramente impossível a pessoa branca média entender o racismo — muito menos romper com ele.

Como diz o estudioso e cineasta negro Omowale Akintunde: “O racismo é um fenômeno epistemologicamente entranhado, sistêmico, social, institucional, onipresente, que permeia cada vestígio de nossa

\* Emmett Till foi um garoto negro que acabou sendo espancado e morto aos catorze anos, em Money, Mississipi, em 1955, por supostamente ter assobiado para uma mulher branca. Em 2007, a mulher, Carolyn Bryant, confessou que era mentira. (N. E.)



realidade. Contudo, para a maioria dos brancos, o racismo é como um homicídio: o conceito existe, mas alguém tem de cometê-lo para que ele aconteça. Essa visão limitada de uma síndrome com tantas camadas cultiva a natureza sinistra do racismo e, de fato, mais perpetua que erradica os fenômenos racistas”.<sup>2</sup>

A estrutura bom/mau é uma falsa dicotomia. Todas as pessoas têm preconceitos, especialmente em termos de fronteiras raciais em uma sociedade segmentada por raça. Meus pais podem me dizer que todos somos iguais, posso ter amigos de cor e não contar piadas racistas. Mesmo assim, ainda sou afetada pelas forças racistas enquanto parte de uma sociedade cujo alicerce é o racismo. Ainda serei vista como branca, tratada como branca e terei a experiência de vida de uma pessoa branca. Minha identidade, personalidade, interesses e afetos se desenvolverão a partir de uma perspectiva branca. Terei uma visão de mundo branca e um quadro de referência branco. Em uma sociedade na qual claramente importa, nossa raça nos molda profundamente. Se quisermos desafiar esse construto, temos de fazer um balanço honesto de como ele se manifesta em nossas próprias vidas e na sociedade a nosso redor.

Embora ocorram atos individuais racistas, eles fazem parte de um sistema mais amplo de dinâmicas entrelaçadas. Manter o foco em incidências individuais mascara a análise pessoal, interpessoal, cultural, histórica e estrutural que é necessária para contestar o sistema mais amplo. A ideia simplista de que o racismo está limitado a atos individuais intencionais cometidos por pessoas rudes está virtualmente na base de toda a atitude defensiva nesse tópico. Para ir além da atitude defensiva, temos de abandonar essa crença comum.

O binário bom/mau com certeza oculta a natureza estrutural do racismo e nos dificulta ver ou entender. Igualmente problemático é o impacto de uma visão de mundo dessas sobre nossas ações. Se, como uma pessoa branca, classifico o racismo como um binário e me situo no lado “não racista”, que ação posterior se exige de mim? Nenhuma, porque não sou racista. Logo, o racismo não é problema meu; ele não me diz respeito e não há nada que eu precise fazer além disso. Essa visão de mundo garante que não construirei competências para pensar criticamente o racismo ou usarei minha situação para desafiar a desigualdade racial.

## CAPÍTULO 6

# ANTINEGRITUDE

*Mas todas as nossas expressões — relações raciais, abismo racial, justiça racial, perfil racial, privilégio branco, até mesmo supremacia branca — servem para ocultar que o racismo é uma experiência visceral, que ele desloca cérebros, bloqueia vias aéreas, rompe músculos, extrai órgãos, racha ossos, quebra dentes... Você deve se lembrar sempre de que a sociologia, a história, a economia, os gráficos, os mapas, as regressões todas aterrisam, com grande violência, sobre o corpo.*

— TA-NEHISI COATES, *Between the World and Me*

**O RACISMO É COMPLEXO E MATIZADO E SUAS MANIFESTAÇÕES** não são as mesmas em todos os grupos de cor. Para contestar as ideologias do racismo, tais como o individualismo e o daltonismo racial, nós, as pessoas brancas, devemos suspender nossa percepção de nós mesmas como única e/ou alheia à raça. Explorar nossa identidade racial coletiva quebra um privilégio-chave da dominação — a habilidade de alguém ver a si mesmo apenas como indivíduo. Temos de discutir as pessoas brancas enquanto grupo — mesmo que fazê-lo nos perturbe — para poder romper com nossas identidades desracializadas.

Para as pessoas de cor, o privilégio de serem vistas (e de se verem) como indivíduos únicos fora do contexto de raça não está assegurado.

## CAPÍTULO 7

# GATILHOS RACIAIS PARA BRANCOS

*Durante um diálogo inter-racial em uma organização que está tentando aumentar a compreensão racial de sua equipe, os participantes de cor contestam repetidamente as afirmativas problemáticas nas declarações de uma mulher branca. “Eu me sinto como se tudo o que digo me fosse jogado de volta”, ela exclama. “As pessoas brancas estão sendo atacadas e incriminadas, e temos de nos defender ou nos deixar ser usados como sacos de pancada. Desisto! Não abro mais minha boca.”*

*A única negra de um time de planejamento de uma empresa ouve atentamente seus colegas brancos durante a primeira hora de uma reunião e depois faz uma pergunta sobre a proposta. Depois da reunião, sua supervisora a convoca ao escritório e a informa de que outra colega se sentiu atacada por ela.*

### **OS FATORES DISCUTIDOS NOS CAPÍTULOS PRECEDENTES**

protegem os brancos de um estresse de base racial. Embora a proteção racial seja algo mediado pela classe social (com pobres brancos e brancos da classe operária urbana sendo geralmente menos racialmente protegidos do que brancos dos bairros de classe média alta ou rurais), o ambiente social mais abrangente protege os brancos como grupo por meio das instituições, das representações culturais, da mídia, dos livros didáticos, da publicidade, dos discursos dominantes, e assim por

diante. A pesquisadora em estudos da branquitude, Michelle Fine, descreve essa proteção:

A branquitude acumula privilégio e *status*; cerca-se de pilares protetores de recursos e/ou benefícios da dúvida; é assim que a branquitude rebate a fofoca e o voyeurismo e, em vez disso, exige dignidade.<sup>1</sup>

Os brancos raramente se veem sem essa proteção. Ou, se se veem, é porque decidiram andar temporariamente fora dessa área de segurança. Mas dentro de seu ambiente de privilégio racial isolado, os brancos têm a expectativa de conforto racial e se tornam menos tolerantes à tensão racial.

Quando ideologias tais como o daltonismo racial, a meritocracia e o individualismo são interpelados, são comuns reações emocionais intensas. Venho discutindo várias razões pelas quais os brancos são tão resistentes diante da sugestão de que nos beneficiamos e somos cúmplices de um sistema racista:

- Tabus sociais contra falar abertamente sobre raça.
- O binário racista = mau/não racista = bom.
- Medo e ressentimento para com as pessoas de cor.
- Nossa ilusão de que somos indivíduos objetivos.
- Nosso conhecimento culposo de que algo além do que estamos prontos a admitir está acontecendo.
- Profundo investimento em um sistema que nos beneficia e que fomos condicionados a ver como justo.
- Superioridade internalizada e senso de um direito a governar.
- Um arraigado legado cultural de sentimento antinegro.

A maioria dos brancos tem informação limitada sobre o que o racismo é e como ele funciona. Para muitos deles, um curso isolado feito em uma faculdade ou o “treinamento em competência cultural” exigido em seu trabalho é a única oportunidade em que podem encarar um desafio direto e fundamentado feito à sua realidade racial.

Todavia, mesmo nessa arena, nem todos os cursos multiculturais ou programas de treinamento abordam o racismo de frente, muito menos abordam o privilégio branco. É muito mais comum esses cursos e programas usarem uma linguagem racialmente codificada com termos como “urbano”, “centro da cidade” e “desfavorecidos”, raramente usando “branco”, “superfavorecido” ou “privilegiado”. Essa linguagem racialmente codificada reproduz imagens e perspectivas racistas enquanto, ao mesmo tempo, reproduz a confortável ilusão de que a raça e seus problemas são algo que “eles” têm. Nós, não. As razões pelas quais os facilitadores desses cursos e treinamentos não devem nomear diretamente as dinâmicas e os beneficiários do racismo vão desde a falta de uma análise válida do racismo por parte de facilitadores brancos, passando por estratégias de sobrevivência pessoal e econômica por parte de facilitadores de cor, até a pressão sobre os níveis de gerência para manter o conteúdo confortável e palatável para os brancos.

No entanto, se e quando um programa educacional enfrenta diretamente o racismo e o privilégio dos brancos, é comum as respostas brancas incluírem raiva, retrocesso, incapacitação emocional, culpa, bate-boca e dissonância cognitiva (todas reações que reforçam a pressão sobre os facilitadores para eles evitarem abordar diretamente o racismo). Os assim chamados brancos progressistas podem não reagir raivosamente e, mesmo assim, isolarem-se mediante afirmações de que não têm necessidade de se engajar no conteúdo porque já “tiveram aula sobre isso”, ou “já sabem tudo”. Todas essas respostas constituem a fragilidade branca — resultado da reduzida resistência psicossocial que o insulamento racial inculca.

Eu já era adulta, mãe e graduada quando experimentei um desafio à minha identidade ou posição racial, e essa experiência só ocorreu porque assumi um posto de instrutora para a diversidade. Quando você combina uma raridade dessas com toda uma vida de centralidade racial, com a superioridade internalizada, com a autopercepção de indivíduo único e as expectativas de conforto racial que nossa cultura engendra, eu simplesmente nunca fora convocada a construir minha capacidade de suportar o estresse racial.

## CAPÍTULO 8

# O resultado: A fragilidade branca

*Estou trabalhando com um pequeno grupo de profissionais brancos sobre manifestações de racismo no ambiente de trabalho. Karen, uma participante do grupo, está incomodada com a solicitação de Joan, sua única colega de cor, para parar de falar quando ela também está falando. Karen não entende o que falar em cima do turno de fala de Joan tem a ver com raça; ela é uma pessoa extrovertida e tende a sobrepor a própria fala à de todo mundo. Tento explicar por que o impacto é diferente quando interrompemos alguém de outra raça porque trazemos nossas histórias conosco. Embora Karen se veja como indivíduo único, Joan a vê como um indivíduo branco. Ser interrompida e ter seu turno de fala abafado por pessoas brancas não é experiência exclusiva de Joan, nem é algo à parte do contexto cultural mais amplo. Karen exclama: “Deixa para lá! Nada do que eu diga está certo, então vou parar de falar!”.*

### **ESSE EPISÓDIO ENFATIZA A FRAGILIDADE BRANCA DE KAREN.**

Ela é incapaz de ver-se a si mesma em termos raciais. Quando pressionada a fazê-lo, recusa-se a se empenhar, posicionando-se como sendo ela que está sendo tratada de modo injusto. Como sublinha o jornalista da Rádio Pública Nacional, Don Gonyea, grande parte dos americanos brancos acha que também sofre preconceito racial:

A maioria dos brancos afirma existir discriminação contra eles, segundo uma pesquisa divulgada terça-feira pela Rádio Pública Nacional, pela Fundação Robert Wood Johnson e pela Escola T. H. Chan de Saúde Pública de Harvard.

“Se você se candidata a um emprego, parece que eles dão mais chance aos negros”, disse Tim Hershman, 68 anos, de Akron, Ohio, “e basicamente, sabe, se você pede alguma ajuda do governo, se for branco, não recebe. Só se for negro.”

Mais da metade dos brancos — 55% — pesquisados afirma que, em termos gerais, eles acreditam haver discriminação contra os brancos [...].

Contudo, observa-se que, embora a maioria dos brancos pesquisados afirme existir discriminação contra eles, só uma porcentagem muito menor afirma tê-la experimentado de verdade.<sup>1</sup>

O amplo acervo de pesquisas sobre crianças e raça demonstra que as crianças começam a construir suas ideias sobre raça de forma muito precoce. Claramente, o senso de superioridade branca e de conhecimento dos códigos de poder racial parece se desenvolver já no início da educação infantil.<sup>2</sup> A professora de comunicação Debian Marty descreve a criação de crianças brancas:

Como em todas as nações ocidentais, crianças brancas nascidas nos Estados Unidos herdam o dilema moral de viver em uma sociedade supremacista branca. Criadas para viver suas vantagens raciais como justas e normais, as crianças brancas recebem pouca ou nenhuma instrução acerca do dilema que enfrentam, para não falar da total ausência de orientação sobre como resolvê-lo. Assim sendo, elas experimentam ou aprendem a respeito de tensão racial sem entender a responsabilidade histórica dos euro-americanos por ela e sem saber praticamente nada de seus papéis contemporâneos na perpetuação desse sistema.<sup>3</sup>

A despeito de sua onipresença, a superioridade branca também costuma ser inominada e negada pela maioria dos brancos. Se nos

tornamos adultos explicitamente contrários ao racismo, como tantos, frequentemente organizamos nossa identidade em torno de uma negação de nossos privilégios de base racial que reforça a desvantagem racista para os outros. Particularmente problemático nessa contradição é que a objeção moral dos brancos aumenta a resistência deles a reconhecer sua cumplicidade. Em um contexto supremacista branco, a identidade branca baseia-se, em grande parte, numa fundação de tolerância e aceitação raciais (superficiais). Nós, os brancos que nos posicionamos como liberais, frequentemente optamos por proteger aquilo que entendemos como nossas reputações morais, em vez de reconhecer ou mudar nossa participação em sistemas de dominação e de desigualdade.

Por exemplo, em 2016, os prêmios do Oscar foram contestados por sua ausência de diversidade. Quando indagada sobre se achava que o Oscar ficara para trás por não ter indicado um só ator negro, ou atriz, pelo segundo ano consecutivo, a atriz Helen Mirren seguiu o padrão da inocência racial branca ao responder: “Simplesmente aconteceu assim”. Ela também afirmou: “É injusto atacar a Academia”. A atriz Charlotte Rampling chamou de “racista contra os brancos” a ideia de um boicote contra o Oscar para chamar a atenção sobre a ausência de diversidade. Ao responder desse modo, os brancos invocam o poder de decidir quando, como e em que medida o racismo deve ser enfrentado ou desafiado. Desse modo, mostrar a vantagem branca frequentemente desencadeará padrões de confusão, reações de defesa e justa indignação. Essas respostas capacitam os defensores a proteger seu caráter moral contra o percebido ataque, ao mesmo tempo rejeitando qualquer culpabilidade. Focando-se em restaurar sua posição moral por meio dessas táticas, os brancos podem evitar o desafio.<sup>4</sup>

Um modo de os brancos protegerem suas posições quando interpellados a respeito de raça é invocar o discurso de autodefesa. Por meio desse discurso, eles se caracterizam como vitimizados, criticados, recriminados e atacados.<sup>5</sup> Brancos que descrevem as interações desse modo estão respondendo apenas à articulação de contranarrativas. Que eu saiba, nunca ocorreu violência física em nenhuma discussão ou treinamento antirracista. Essas alegações de autodefesa funcionam em múltiplos níveis: identificam seus enunciatários como moralmente



superiores enquanto ocultam o verdadeiro poder de suas posições sociais. As alegações culpam outros com menos poder social por seu desconforto e descrevem falsamente tal desconforto como perigoso. A abordagem de autodefesa também restabelece fantasias racistas. Ao se postarem como vítimas dos esforços antirracistas, os falantes não podem ser os beneficiários da branquitude. Ao afirmar terem sido tratados injustamente — por meio de um desafio à sua posição ou à expectativa de que deem ouvidos às perspectivas e experiências das pessoas de cor —, podem reivindicar que mais recursos sociais (como tempo e atenção) sejam canalizados em sua direção para ajudá-los a enfrentar esse abuso.

Quando dou consultoria a empresas que me pedem ajuda para recrutar e reter mão de obra mais diversa, me advertem consistentemente: esforços passados para resolver a carência de diversidade resultaram em trauma para os funcionários brancos. Esse é, literalmente, o termo usado para descrever o impacto de um seminário curto e isolado: *trauma*. E tal trauma exigiu muitos anos de completa evitação do tema e, embora os chefes da empresa se sentissem prontos a recomeçar, eu era avisada para agir devagar e com todo o tato. Naturalmente, esse trauma racial branco em resposta aos esforços pela igualdade também garantiu à empresa manter-se surpreendentemente branca.

A linguagem violenta que muitos brancos usam para descrever investidas antirracistas não é desprovida de significação, assim como é mais um exemplo de como a fragilidade branca distorce a realidade. Ao recorrer a termos que conotam abuso físico, os brancos tiram proveito da clássica história de que pessoas de cor (particularmente os negros) são perigosas e violentas. Ao fazerem isso, os brancos distorcem o real sentido do perigo entre si e os demais. Essa história se torna profundamente minimizada quando os brancos afirmam não se sentirem seguros ou estarem sob ataque quando se veem na rara situação de terem simplesmente de falar sobre raça com pessoas de cor. O uso dessa linguagem violenta ilustra quão frágil e mal preparada a maioria dos brancos é para enfrentar tensões raciais, com a subsequente projeção dessa tensão sobre as pessoas de cor.<sup>6</sup>

O sociólogo Eduardo Bonilla-Silva, em seu estudo sobre o racismo daltônico, descreve um aspecto da fragilidade branca:

Pelo fato de o novo clima racial nos Estados Unidos proibir a expressão aberta de sentimentos, visões e posições com base na raça, quando os brancos discutem questões que lhes provocam desconforto, eles se tornam quase incompreensíveis.<sup>7</sup>

Sondar questões raciais proibidas resulta em incoerência verbal — digressões, longas pausas, repetição e autocorreções. Bonilla-Silva sugere que esse papo incoerente é uma função do falar sobre raça em um mundo que insiste em sua desimportância. Essa incoerência sugere que muitos brancos não têm preparo para explorar, mesmo em um nível preliminar, suas perspectivas raciais e trabalhar para mudar seu entendimento de racismo. Essa relutância preserva o poder branco porque a habilidade de determinar quais narrativas são autorizadas e quais estão suprimidas é o alicerce da dominação cultural. Essa relutância tem consequências adicionais, porque se os brancos não puderem explorar perspectivas raciais alternativas, eles não poderão restabelecer a perspectiva branca como universal.

Mesmo assim, os brancos se engajam no discurso racial sob condições controladas. Nós nos damos conta das posições raciais dos “outros raciais” e discutimos isso livremente entre nós, quase sempre de maneira codificada. A recusa em reconhecer diretamente essa conversa sobre raça resulta em um tipo de consciência dividida que leva à irracionalidade e à incoerência. Essa negação também garante que a desinformação racial, que circula na cultura e enquadra nossas perspectivas, permanecerá sem exame. A contínua fuga do desconforto do engajamento racial autêntico em uma cultura impregnada pela disparidade racial limita a capacidade dos brancos de formar conexões autênticas através dos limites raciais e perpetua um ciclo que mantém o racismo bem firme.

Um exemplo convincente da fragilidade branca ocorreu durante um treinamento antirracismo em uma empresa, coordenado por mim com o apoio de uma equipe inter-racial. Uma das participantes brancas deixou o treinamento e voltou para sua mesa, incomodada por receber (ou foi o que pareceu à equipe) um retorno sensível e diplomático a respeito do impacto de suas afirmações sobre várias das pessoas de cor presentes. No intervalo, vários outros participantes brancos se aproximaram

de mim e de meus companheiros reportando terem falado com a mulher em sua mesa e que ela estava mesmo irritada com a contestação a suas declarações. (Obviamente, “contestadas” não foi como ela verbalizou sua preocupação. Era como se ela tivesse sido “falsamente acusada” de produzir um impacto racista.) Seus amigos queriam nos alertar do fato de ela não estar bem de saúde e poder até “sofrer um ataque cardíaco”. Quando pedimos mais explicações, eles esclareceram: estavam falando literalmente. Esses colegas eram sinceros em seu temor de que a jovem pudesse mesmo morrer como resultado do *feedback*. Evidentemente, quando a notícia da situação potencialmente fatal de saúde da participante chegou ao grupo, toda a atenção imediatamente voltou a se concentrar nela e não no envolvimento com o impacto que ela provocara sobre as pessoas de cor. É como afirma o assistente social Rich Vodde: “Se o privilégio é definido como legitimação do direito de alguém a recursos, ele também pode ser definido como permissão para fugir ou evitar todas as contestações a esse direito”.<sup>8</sup>

O equilíbrio branco é um casulo de conforto, centralidade, superioridade, prerrogativa, apatia raciais e de esquecimento, todos arraigados na identidade de pessoas boas livres do racismo. Desafiar esse casulo desordena nosso equilíbrio racial. O fato de entrar em desequilíbrio racial é tão raro que não precisamos investir na capacidade de encarar o desconforto. Por essa razão, os brancos consideram esses desafios insuportáveis e desejam sumir com eles.

## **A FRAGILIDADE BRANCA COMO FORMA DE ASSÉDIO**

Vamos ser claros: embora a capacidade de as pessoas brancas encararem desafios a nossas posições raciais seja limitada — e, desse modo, frágil —, os efeitos de nossas respostas não são nada frágeis; são, na realidade, muito poderosos porque tomam vantagem do poder e do controle históricos e institucionais. Exercemos esse poder e controle do modo mais útil na hora de proteger nossas posições. Se precisarmos chorar para que todos os recursos voltem para nós e a atenção seja desviada de uma discussão sobre nosso racismo, então

choraremos (estratégia mais comumente usada por mulheres brancas de classe média). Se necessitarmos nos sentir ofendidos e responder como se se tratasse de justo desrespeito, nós nos sentiremos. Se precisarmos discutir, minimizar, explicar, fazer as vezes de advogados do diabo, ficar amuados, nos desligar ou recuar para fazer cessar o desafio, nós o faremos.

A fragilidade branca atua como uma forma de assédio. Farei com que seja tão deplorável você me confrontar — não importa o quão diplomaticamente tente fazê-lo — que simplesmente abrirá mão, desistirá e nunca mais voltará ao assunto. A fragilidade branca mantém as pessoas de cor na linha, “em seu lugar”. Esse é um modo poderoso de controle racial branco. O poder social não é fixo: ele é constantemente desafiado e precisa ser mantido. Podemos pensar nos gatilhos da fragilidade branca discutidos no Capítulo 7 como desafios ao poder e controle brancos e na fragilidade branca como forma de cessar o questionamento e preservar aquele poder e controle.

Francamente, a expressão “fragilidade branca” pretende descrever um fenômeno branco muito específico. Ela é muito mais que mera atitude defensiva ou “mimimi”. Pode ser explicada como a *sociologia da dominação*, consequência da socialização dos brancos na supremacia branca e um meio de proteger, manter e reproduzir essa mesma supremacia. A expressão *não se aplica* a outros grupos que venham a expressar acusações ou qualquer outro tipo de dificuldade (por exemplo, “fragilidade estudantil”).

Em minhas oficinas, sempre pergunto às pessoas de cor: “Com que frequência você deu *feedback* às pessoas brancas acerca de nosso inconsciente, mas inevitável racismo? E com que frequência isso funcionou para você?”. Olhos se revirando, cabeças negando e gargalhadas se seguem, junto ao consenso expresso como *raramente, se é que aconteceu*. Então pergunto: “E como seria se vocês pudessem simplesmente nos dar *feedback*, e nós cortesmente o assimilássemos, refletíssemos e trabalhássemos para mudar nosso comportamento?”. Recentemente, um homem de cor suspirou e disse: “Seria uma verdadeira revolução”. Peço a meus companheiros brancos que pensem na profundidade dessa resposta. Seria *uma revolução* se pudessemos

receber, refletir e trabalhar para mudar o comportamento. Por um lado, a resposta do homem aponta o quão difíceis e frágeis somos. Mas, por outro, indica quão simples seria assumir a responsabilidade por nosso racismo. Todavia, parece que não vamos chegar lá enquanto operarmos a partir da visão de mundo dominante de que apenas as pessoas intencionalmente más podem perpetrar o racismo.